

Mônica Raisa Schpun

História de uma invenção identitária

A estética nipo-brasileira dos descendentes de imigrantes (temporalidade migratória, etnia e gênero)

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referencia electrónica

Mônica Raisa Schpun, « História de uma invenção identitária », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, 2007, Puesto en línea el 14 mars 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index3685.html>
DOI : en cours d'attribution

Éditeur : EHESS

<http://nuevomundo.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://nuevomundo.revues.org/index3685.html>

Document généré automatiquement le 29 septembre 2009.

© Tous droits réservés

Mônica Raisa Schpun

História de uma invenção identitária

A estética nipo-brasileira dos descendentes de imigrantes (temporalidade migratória, etnia e gênero)

- 1 O Brasil reúne hoje a maior comunidade nipônica fora do Japão, estimada em cerca de 1,5 milhão de habitantes, concentrados sobretudo nos estados de São Paulo e Paraná. Destes, 10% teriam nascido no Japão e 90% distribuem-se em cinco gerações de descendentes de imigrantes. País de imigração até os anos 1970, o Brasil transforma-se, a partir da década seguinte, em país de emigração. E o Japão recebe, desde então, uma imigração brasileira essencialmente composta de nipo-brasileiros (fenômeno *dekassegui*).
- 2 Este artigo tem por objetivo examinar algumas formas contemporâneas de invenção e construção da identidade nipo-brasileira. A pesquisa, ainda em curso, inspirou-se, originalmente, em referências esparsas e marginais, encontradas na literatura específica sobre os deslocamentos migratórios entre o Japão e o Brasil¹. Elas indicavam a centralidade dos corpos - e da leitura destes, feita pelos próprios atores - na percepção e na expressão da identidade nipo-brasileira. Três delas atraíram particularmente minha atenção e são transcritas a seguir.
- 3 Trabalhando sobre a questão identitária envolvida no fenômeno *dekassegui*, Adriana de Oliveira entrevistou nipo-brasileiros tendo vivido no Japão, após seu retorno ao Brasil. A passagem seguinte foi tirada de uma conversa entre três moças :
 - « Gente, elas têm um corpo horroroso (...).
 - Não ! Corpo de japonesa é uma coisa estranha...
 - É horrível !
 - ...não é só feio, é estranho.
 - Aí, uma vez (...), sabe quando você pára assim ? (...) elas olhavam para a gente porque achavam a gente muito estranha, (...) porque todo mundo (...) tem cara de japonês, mas só parece japonês, porque dá para perceber que não é.
 - É.
 - Engraçado que isso a gente vê : (...) lá [no Japão], mesmo quem aqui [no Brasil] a gente acha que tem muita cara de japonês, lá você olha na rua...
 - E já fala que é brasileiro, né ?
 - ...e você sabe.
 - Você sabe, esse é brasileiro, esse aqui não é.
 - Aí a gente estava (...) olhando, a gente falou assim : 'nossa, o corpo delas é muuuuito estranho !!!' [risos] Não é normal, (...) é uma tábua, não tem nada na frente, não tem nada atrás.
 - É muito horrível ! O quadril é largo, não é ?
 - Tem o quadril largo, não tem cintura.
 - E sem bunda.
 - É, é tudo assim. »²
- 4 Dois elementos merecem ser destacados aqui : a adesão das entrevistadas ao cânone brasileiro de beleza corporal feminina, e sua percepção de que a própria « brasilidade », tanto quanto a « niponidade » das japonesas, são legíveis nos corpos e no comportamento corporal. Este

ponto já fora levantado por Fernando Henrique Cardoso, numa conferência significativamente intitulada « A Americanidade dos *nikkei* » :

« Uma coisa muito curiosa é que o modo de vestir e o modo de andar dos nisseis [filhos de imigrantes japoneses] mudou rapidamente, podiam ser japoneses em tudo mas já davam um gingado brasileiro para andar, e o andar é uma coisa cultural muito forte. »³

5 Indo ainda mais longe nesta direção, um historiador, ao lembrar que *nikkei* de todas as gerações continuam sendo chamados de japoneses no Brasil, afirma que :

« ...entre os nikkeis, a sensação de que eles só poderão se tornar brasileiros mudando sua aparência fez que muitas mulheres apelassem para a cirurgia plástica nos olhos. »⁴

6 Fui levada, assim, graças a este conjunto de referências pouco desenvolvidas, encontradas em estudos que tratavam preferencialmente de outras questões, a me interessar pelas práticas corporais ditas de « ocidentalização » que concernem os nipo-brasileiros e, em particular, pela cirurgia de « ocidentalização dos olhos ». Isto porque, no caso preciso dos *nikkei*, a forma dos olhos é o traço físico em que mais incide esta tendência, culturalmente tão enraizada no Brasil, a identificar - e discriminar - um grupo social por características fenotípicas. Apesar de que a vasta e complexa literatura sobre a questão racial brasileira não trata da questão étnica, nem dos imigrantes, o « racismo de marca »⁵, tem relação direta com os quase cem anos de presença dos japoneses e seus descendentes no seio da sociedade brasileira⁶. Vários dos meus entrevistados lembraram-se, quanto a isso, das provocações de que foram alvo na infância, ainda que freqüentemente não tenham sido capazes de trazer exemplos precisos. Expressões como « abre o olho, japonês ! » (explorando um duplo sentido com a noção de prestar atenção) foram, apesar disso, mencionadas.

7 Partindo de um estudo de caso, que toca diretamente aos corpos e aos cânones de beleza, me parece que algumas questões de fundo podem ser levantadas e discutidas. Trata-se, aqui, sobretudo, de pensar o lugar que os nipo-brasileiros ocupam, hoje, na sociedade brasileira. A questão da temporalidade incide, neste caso, não somente sobre o processo complexo de integração de uma etnia à sociedade receptora, sobre as transformações no modo em que o grupo inventa e exprime sua identidade coletiva, mas também sobre o olhar do historiador sobre essa experiência, já que beneficia de um distanciamento maior.

8 Ao mesmo tempo, quanto às práticas estéticas em questão, pensando as modalidades de construção da feminilidade e da masculinidade, podemos iluminar de modo particular a problemática central proposta aqui, da identidade nipo-brasileira e da posição do grupo no seio da sociedade brasileira.

Cirurgia estética

9 O Brasil ocupa o segundo lugar no mundo quanto ao número de cirurgias plásticas por ano. Em 2003, uma pesquisa do Instituto Gallup junto a 500 cirurgiões plásticos indicava um total anual de 374.271 cirurgias estéticas realizadas por membros da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP). Esses números não incluem as operações feitas por dermatologistas, otorrinolaringologistas, oftalmologistas e ginecologistas, entre outros, que, apesar de não terem a formação necessária para a obtenção do título de cirurgião plástico, arriscam-se mesmo assim no ramo. A revista *Veja* afirmava, em janeiro de 2001, que o Brasil havia ultrapassado os Estados Unidos, país campeão na área⁷, quanto ao número de cirurgias plásticas por habitante⁸.

10 O *boom* da cirurgia estética no Brasil data de meados dos anos 1990⁹. Em 1990, somente 60 mil brasileiros submeteram-se a esse tipo de cirurgia ; durante a década, o aumento dos totais anuais chegou a 580%¹⁰. Esse crescimento foi acompanhado, em primeiro lugar, por uma maior igualdade entre homens e mulheres. Em 1994, 95% dos pacientes eram mulheres. Em 2000, elas só representavam 70% do total, porcentagem considerada estável até hoje¹¹. Além disso, o crescimento trouxe a marca da democratização. Se os custos permanecem altos,

alguns seguros privados de saúde – e os próprios cirurgiões – tornam possível o sonho da cirurgia estética a uma ampla classe média. Atualmente, não se pode mais dizer que se trata de uma prática reservada às elites, às modelos, às personalidades do mundo do espetáculo e da televisão. O(a)s pacientes que encontrei nas salas de espera das clínicas visitadas, e aqueles(as) que entrevistei confirmam esta ampliação do acesso às camadas médias.

11 É preciso notar que esta evolução faz parte de uma tendência mais geral de crescimento do consumo de produtos e serviços de beleza no Brasil. Sabemos, por exemplo, que o número de profissionais ligados aos serviços de beleza passou de 361 mil a 679 mil entre 1985 e 1995, para chegar a 1,043 milhão em 2003¹².

12 Este enorme aumento, que marca fortemente a vida cotidiana e a cultura urbana do país, explica-se, antes de mais nada, pela entrada extremamente significativa das mulheres no mercado de trabalho a partir de 1970 : elas passam de 11% a 42% da população economicamente entre 1970 e 2001. Aumentando sua renda, as mulheres gastam mais, inclusive em produtos e serviços de beleza. Além disso, a inclusão da aparência física dentre os fatores de discriminação num mercado de trabalho cada vez mais seletivo, sobretudo a partir dos anos 1980, obriga mulheres e homens a se preocuparem mais com a apresentação. Isso tudo associa-se, enfim, a uma maior longevidade da população e a um temor mais forte diante do envelhecimento¹³.

Ocidentalização da aparência

13 Na sua *homepage*, a clínica de um dos cirurgiões que entrevistei apresenta, entre outras categorias de cirurgia estética, as « cirurgias para orientais » e, separadamente, a « ocidentalização », que concerne unicamente os olhos. Esta última faz parte das cirurgias descritas no primeiro grupo, mas recebeu, não por acaso, uma entrada independente : em 2001, o número de cirurgias feitas por pacientes orientais chegou a catorze mil, o dobro daquelas feitas no início dos anos 1990¹⁴. E a metade destas intervenções compõe-se da chamada « ocidentalização dos olhos » : em 2004, a SBCP estimava o número destas operações em oito mil.

14 Uma tal evolução da demanda explica a solicitude da clínica em questão, ao reservar uma parte significativa de seu *site web* para a clientela de origem oriental que pode, não sem razão, sentir-se confortada - e atraída - por um tal favorecimento. Nesse sentido, após ter apresentado todas as possibilidades cirúrgicas especificamente oferecidas aos/às pacientes de origem oriental, os responsáveis pelo *site web* declaram o que segue, contribuindo certamente a aumentar a confiança do(a)s clientes potenciais :

« O padrão estético oriental é diferente do ocidental. A conformação óssea, as proporções e dimensões de cada estrutura são diferentes. É preciso respeitar as características de cada um e fazer sobressair a estética de cada tipo étnico. Cada um tem a sua beleza e a função do cirurgião é ajudar a exteriorizá-la. »

Os olhos

15 No Brasil, a « ocidentalização dos olhos » começa a ser praticada nos anos 1970. Dentre todas as « cirurgias para orientais », ela é a mais simples : só requer anestesia local, só dura uma hora, é a que custa menos e, principalmente, promete o restabelecimento mais rápido (em torno de uma semana), e o menos incômodo – fatores sem dúvida determinantes no momento de tomar a decisão.

16 A intervenção visa especificamente construir sobre as pálpebras uma « dobra » da qual 50% do(a)s orientais são privado(a)s ao nascer. Ele(a)s também possuem, em relação aos/às ocidentais, uma maior acumulação de gordura em torno dos olhos. A cirurgia consiste numa incisão sobre as pálpebras, por onde são extraídos os excessos de pele, de gordura e uma parte dos músculos, com a construção de uma dobra. No interior desta, fica a cicatriz, totalmente

invisível. O segredo do sucesso consiste em respeitar medidas específicas para a construção da dobra. De fato, o(a)s ocidentais têm uma dobra mais larga sobre a pálpebra (10mm a 15mm) que o(a)s orientais que a possuem ao nascerem (5mm a 8mm). Assim, o desenho de uma dobra larga demais pode dar, segundo um dos cirurgiões entrevistados, uma aparência « artificial ».

Olhos lindos, olhos grandes

- 17 Quando olhamos as fotos do(a)s pacientes antes e depois da cirurgia, fica claro que, como afirmou um cirurgião, « a operação não nega a origem ». Segundo ele, trata-se simplesmente, para o(a) paciente, de « melhorar seu aspecto ». Entretanto, são características étnicas desse « aspecto » que se procura « melhorar ». Assim, não é por acaso que a comunicação funciona particularmente bem entre os cirurgiões de origem japonesa e o(a)s candidato(a)s à « ocidentalização dos olhos ». A clientela das clínicas que visitei, de médicos *nikkei*, é, sem sombra de dúvidas, mais nipônica que oriental. E esta faixa do mercado parece receber um cuidado e uma atenção bem particulares. Uma dessas clínicas realiza cerca de 200 cirurgias anuais sobre as pálpebras dos *nikkei*. O proprietário de outra, sozinho, estima a 60 sua média anual e acredita que a demanda está aumentando. A título de comparação, este último afirma que o « carro chefe » de sua clínica é a lipoaspiração, com cerca de 120 intervenções anuais. Já as próteses de seio, também em aumento, empatam com as cirurgias de « ocidentalização ». Trata-se então de um verdadeiro sucesso, confirma o cirurgião.



- 18 Mas voltemos à « melhoria do aspecto ». As pacientes entrevistadas definem-na sem dificuldade. Elas queriam ter a dobra e, sobretudo, os olhos maiores que ela ajuda a compor. Descrevendo seus olhos de antes da cirurgia, elas dizem que eram pequenos demais, inchados, davam a impressão de estarem fechados, dificultavam a aplicação da maquiagem e o uso de lentes de contato. Edith lembrou-se que « entre nós, descendentes de orientais, quando fãmos descrever um japonês(esa) que achãvamos bonitos, fazãmos uma referãncia aos olhos, se tinha a dobra ou não ». Trata-se, entãõ, do cânone de beleza reconhecido por todos : ter olhos grandes, com a dobra sobre as pãlpebras.

- 19 Algumas das mulheres entrevistadas declararam ainda que, antes da operação, utilizavam artifícios para fabricar dobras provisórias, seja com lápis de olho, seja graças a técnicas vindas do Japão : colas especiais que colavam as pálpebras (e que se descolavam no contato com água), ou fitas adesivas em forma de pálpebra, que uma das entrevistadas comprava, adolescente, antes de substituí-las por durex, bem mais econômico. Estas soluções apresentavam, para quem as usava, a desvantagem de serem temporárias. De fato, a cirurgia concerne antes o ser, do que o parecer.

Beleza e cirurgia estética

- 20 Duas problemáticas centrais desenham-se aqui. A primeira refere-se à oposição entre o verdadeiro e o falso, o natural e o artificial. Sobre isso, Alexander Edmonds tem razão quando escreve que, para que as pacientes de cirurgias estéticas possam parecer aceitáveis do ponto de vista moral, é preciso falar de auto-estima, de bem-estar espiritual, mais do que de beleza. Só então, a impostura de querer ser o que não se é pode se tornar desculpável. Assim, ao invés de buscar a beleza, ou mais beleza, as pacientes buscariam a normalidade, pela correção de eventuais defeitos da aparência¹⁵.
- 21 O que nos conduz a uma segunda questão : o desejo de adaptação, de ser como os outros é a motivação principal da « ocidentalização », como o termo faz pensar ? As características étnicas em questão aqui podem ser assimiladas a defeitos, que merecem ser corrigidos ? Somos levados a pensar assim, sobretudo se lembrarmos das frasezinhas de mau gosto que quase todo(a)s meus/minhas entrevistados ouviram, como aquela explicando os pequenos olhos dos japoneses pelo fato de fritarem pastéis demais, relatada por uma das mulheres.
- 22 Contudo, se escutarmos as motivações expressadas pelas pacientes no momento em que decidem fazer-se operar, é a beleza que toma a dianteira. Estas pacientes, como aliás todas as outras, não procuram ser normais, mas, sim, excepcionais ; não desejam ajustar-se, mas destacar-se¹⁶.
- 23 Resta dizer que, não somente as fotos do(a)s operado(a)s mostram claramente que o fenótipo oriental não foi de modo algum apagado pela operação, mas, além disso, que a unanimidade dos testemunhos de satisfação quanto aos resultados da cirurgia mostra que seu desaparecimento não era o objetivo principal. Quanto a isso, Tania e Rosa declararam, de modo eloqüente, que só as pessoas de origem oriental perceberam mudanças nos seus rostos e fizeram-lhes elogios : definitivamente, elas permaneceram orientais.



Beleza nipo-brasileira

- 24 Os discursos moralisadores escondem a agressividade competitiva que dá base às práticas estéticas : não se trata, já vimos, de uma questão de normalização, de homogeneização, de se fazer tão belo(a) quanto o(a)s outro(a)s, mas, bem ao contrário, de se fazer mais belo(a) que o(a)s outro(a)s. Assim, ao olharmos as fotos de jovens *nikkei*, em diversos *sites web* dirigidos aos nipo-brasileiros, e notadamente num deles, onde as « mais belas orientais » - e, mais recentemente, os « mais belos orientais » - são objeto de « ensaios » fotográficos, o que salta aos olhos é efetivamente um desejo de exibição da beleza e de valorização dos trunfos corporais que compreende um investimento prévio visando ao aumento do capital de beleza.
- 25 Perscrutando as fotos das moças e dos rapazes aí apresentados, fica claro que os olhos são sem sombra de dúvida um elemento central no trabalho que precede o ritual fotográfico, mostrando-se particularmente carregados de importância. Nem todo(a)s – longe disso - recorrem à operação das pálpebras, mesmo se um cirurgião plástico entrevistado defende a idéia de que « a maioria o faz » e diz não compreender as razões que conduzem os demais a não fazê-lo, « vivendo sem a dobra »... Porém, o(a)s que não o fazem não negligenciam de modo algum a questão, o modo pelo qual se maquiam nos dá a prova : para as moças, os olhos recebem um tratamento sofisticado de cores, *dégradés*, efeitos sombreados, etc. E, quase sempre, elas desenham a dobra a lápis, como os rapazes, aliás, para os quais esse é o único traço de maquiagem (ou, ao menos, o mais visível).

« Niponidade »

- 26 A questão se impõe : nessa busca de beleza, ou de mais beleza, o que acontece com a « niponidade » ?
- 27 Meus/minhas entrevistado(a)s mostram-se todo(a)s, independentemente da geração à qual pertencem, orgulhoso(a)s de sua ascendência. Contudo, uma variante temporal intervém aqui, diferenciando as gerações quanto à experiência coletivamente vivida pela comunidade nipônica no contato com a sociedade brasileira. Eu diria que para aquele(a)s que nasceram nos anos 1950, carregar o fenótipo oriental trouxe mais problemas, na infância e na juventude, que para o(a)s mais jovens, nascido(a)s trinta anos mais tarde. O processo de integração e, sobretudo, de diminuição das barreiras discriminatórias foi lento e não poupou as primeiras

gerações. A resposta às discriminações enfrentadas no cotidiano foi, assim, inicialmente, a do silêncio, da extrema discreção. Se o fenótipo, onde se focaliza o racismo, torna a experiência da discriminação tão incontornável quanto duradoura, a discreção, enquanto resposta, além de obedecer a uma exigência ligada à honra, aprendida em casa com os mais velhos, contrabalança justamente essa visibilidade acentuada da diferença, que joga contra a integração.

- 28 Num período mais recente, a barreira composta pelo fenótipo oriental tornou-se menos impermeável, e a conjuntura internacional se transformou, trazendo uma imagem cada vez mais valorizada e valorizante do Japão. Assim, o(a)s mais jovens aproveitam de um contexto favorável a nível nacional e internacional, graças à longa vida da imigração nipônica, que completará 100 anos em 2008, e ao sucesso mundial do Japão, que recebe, desde os anos 1980, uma imigração brasileira. Explorar e exhibir uma « niponidade » da aparência, que o(a)s jovens não se limitam a sublinhar, mas inventam, torna-se um trunfo, e não mais um handicap social.



- 29 Nós assistimos então à uma construção social – sutil, é verdade - das marcas corporais de uma etnicidade que convém, na qual cada um se reconhece vantajosamente. Isso no sentido de uma busca de excelência na beleza que chega a incluir o recurso ao mais radical, já que mais durável, das técnicas médicas desenvolvidas nesse sentido pela cirurgia estética.

« Niponidade » e ocidentalização

- 30 Escrevendo sobre o forte crescimento do mercado de produtos e serviços voltados para a beleza das pessoas « de pele mais escura » no Brasil, Peter Fry afirma que a existência desses produtos e serviços faz mais do que « suprir uma necessidade » ; eles criam essa necessidade e, « ao fazê-lo, disseminam sub-repticiamente uma ‘identidade negra’ em todo o Brasil »¹⁷. Retenho aqui a idéia de « disseminação de uma identidade » comum que se inventa a partir do corpo, e das intervenções que nele se faz.

- 31 Comparando o Brasil aos Estados Unidos, Alexander Edmonds, por sua vez, defende a idéia de que, no Brasil, « a beleza não é politizada » e que

« cosméticos podem ser ‘apenas’ cosméticos ; cabelos loiros, narizes finos, seios reduzidos – ou aumentados – são considerados ‘coisas da beleza’, não da raça. »¹⁸

- 32 Ora, a fim de compreender a questão racial no que toca à dimensão política que toda e qualquer busca de beleza pode assumir, seria preciso, antes de mais nada, ouvir, e atentamente, o que dizem a esse respeito as pessoas « de pele mais escura ». Analizando essa mesma relação, entre beleza e política, Peter Fry acredita, por seu lado, no papel político do investimento na beleza :

« Para que possam superar o que lhes é verdadeiramente específico, ou seja, a discriminação racial e a baixa auto-estima derivada das representações negativas atribuídas à sua pessoa e à sua 'aparência', é necessário modificar as representações sociais da estética negra (...). »¹⁹

33 Assim, esse investimento estético ganha um sentido político ao agir sobre a aparência e o corpo, nó central do racismo no Brasil. Entrevistando profissionais da beleza negros e, em particular, a proprietária de um cabeleireiro, Dona Daí, Fry afirma ainda :

« Dona Daí sente-se satisfeita quando suas clientes, munidas com a autoconfiança que ela ajuda a forjar, conseguem ser bem-sucedidas nos mercados do sexo, do matrimônio e do trabalho. (...) ela insiste que a única diferença entre negros e brancos está na sua estética. »²⁰

34 De todos os grupos étnicos existentes na sociedade brasileira, os japoneses e seus descendentes e, depois deles, os outros orientais, sofreram o « racismo de marca » do modo mais agudo. Eles têm, mais que os outros, razões para inventar uma estética própria. E se voltamos à idéia mencionada acima, de disseminação de uma identidade comum, que se exprime justamente pela legitimidade que passa a ser reconhecida a outras percepções de beleza, podemos explicar a mensagem visual inscrita na amostragem de fotos examinadas neste trabalho. Elas se encarregam, com efeito, de veicular a invenção de uma etnicidade que se exprime por um fenótipo doravante carregado de beleza. Beleza esta totalmente capaz de ser reconhecida enquanto tal.

35 Existe, sem dúvida, um contexto social que permite a emergência desse tipo de mensagem e a adesão que ele provoca. Dele fazem parte o forte crescimento do trabalho feminino no Brasil, mas também a construção de uma « niponidade » que acompanha não somente o processo de ampliação do mercado de produtos e de serviços de beleza, mas, também, a segmentação cada vez maior desse mercado.

36 Jornais e revistas cada vez mais especializados comprovam tal realidade. A revista *Raça Brasil* é o exemplo mais radical deste fenômeno, pois ela descobre e participa da construção desta camada média urbana negra pronta a consumir todo tipo de produtos de beleza e de higiene que são aí anunciados²¹. A estética oriental também se apoia em mensagens específicas, veiculadas em numerosos jornais *nikkei* que reconhecem uma importância nada negligenciável à beleza - sobretudo quando se dirigem às jovens gerações. Sem contar a « ocidentalização dos olhos » que, tornando maiores os olhos do(a)s nipo-brasileiro(a)s, mostra, entre outras coisas que ele(a)s os têm bem abertos.

Gênero...

37 Segundo as estatísticas, os homens representam atualmente 30% dos pacientes de cirurgia estética no Brasil. Mas são bem mais difíceis de se deixar entrevistar. Por causa desta dificuldade, Alexander Edmonds optou por não entrevistá-los, e por limitar sua pesquisa sobre a cirurgia estética somente às pacientes. Porém, ao ler algumas de suas afirmações, sobretudo quanto à relação desta prática estética com a beleza e a sedução, podemos nos perguntar o que ele teria escrito se os homens tivessem se pronunciado a respeito. Assim, esforcei-me em encontrar pacientes dispostos a me falar da « ocidentalização dos olhos ».

38 O que me dizem esses homens ? Antes de mais nada, eles não falam absolutamente de beleza, motivação que recusam. Um deles quis fazer a operação porque achava que suas pálpebras tinham um ar caído, dando-lhe um aspecto cansado. E recusou sistematicamente qualquer outra explicação. Após uma longa negociação, autorizou seu médico a me transmitir as fotos tiradas na clínica, documentando as transformações ocorridas em seu rosto – as quais, em respeito ao anonimado, não publicarei aqui, notadamente por se tratar de uma revista *on line*.

39 O ar de cansaço que o incomodava em seu rosto, por causa da forma das pálpebras, desapareceu por completo graças a um nítido aumento dos olhos, que se tornaram, efetivamente, mais abertos. Seu cirurgião vê evidenciar-se, no rosto operado, « uma juventude que não existia » anteriormente. O ar cansado é, então, tomado por envelhecimento, quando, na verdade, o rosto

- não se encontra absolutamente enrugado. Tal leitura enfoca mais a percepção de um estado de espírito geral, expresso no rosto, do que na beleza do mesmo, mesmo se o cirurgião evoca, também, um ganho de « harmonia » - expressão eufêmica em relação à valorização da beleza.
- 40 Outro entrevistado submeteu-se a uma cirurgia dos olhos há cerca de trinta anos, no momento em que um parente, cirurgião plástico, começava a dedicar-se a esta prática e operou boa parte da família. Ele insistiu sobre o fato que, sozinho, não teria tomado tal iniciativa. Segundo suas declarações, como confiava no cirurgião, deixou-se convencer, quando, na verdade, seus olhos nunca o tinham incomodado. Ele nem soube dizer se os resultados foram satisfatórios, já que não tinha tido qualquer expectativa. Em sua entrevista, não somente a questão da beleza foi evacuada, como, além disso, ele nega ter sido ativo na decisão de operar, explicando tal ato unicamente pela proposição do cirurgião, que teria aproveitado dos numerosos parentes para « fazer sua pesquisa ». Duas de suas irmãs e uma prima, que entrevistei igualmente, foram operadas na mesma época e nas mesmas circunstâncias. Elas constróem narrativas totalmente diferentes a esse respeito, nas quais aparece com força o desejo prévio de « fazer alguma coisa pelos olhos ». Nenhuma delas mencionou a importância dessas operações para as pesquisas do cirurgião, e, ainda menos, uma tal motivação como tendo sido a principal.
- 41 A masculinidade constrói-se, então, através de um silêncio completo sobre a beleza, motivação que só tocaria às mulheres, ou, mais radicalmente, através de uma adesão passiva, sem qualquer motivação. Enquanto a adesão feminina a uma prática nada banal constrói-se através de iniciativas entusiasmadas, firmes e decididas, a dos homens faz-se por demissão.
- 42 Se os homens podem encontrar as mulheres nas mesmas práticas segundo uma proporção nada desprezível, eles ainda não chegam a encontrá-las na afirmação de sua escolha, nem reconhecer, aí, significações e motivações comuns.
- 43 A beleza segue sendo um negócio antes de mais nada para mulheres. Mesmo se as fotos de rapazes com um traço desenhado sobre as pálpebras indicam, nas gerações mais jovens, a emergência de um reconhecimento masculino público da importância desse investimento na aparência. Para além das práticas, trata-se aqui da exibição de um investimento, ainda que discreto, na beleza. E numa direção que aproxima homens e mulheres, trazendo um componente cada vez mais misto ao trabalho sobre a aparência.

...e etnicidade : a cilada da ocidentalização

- 44 As questões de gênero cruzam, aqui, com uma problemática migratória ligada tanto à identidade étnica, quanto à temporalidade na história da imigração e da presença nipônica no Brasil. Pois trata-se não somente da construção, pelo(a)s descendentes de imigrantes japonês(a)s, de uma identidade nipo-brasileira com fortes ressonâncias físicas – o que acompanha de perto as formas tomadas pela discriminação -, como, também, da sua construção num contexto em que é permitido exibí-la sem inibição. Mesmo se tal exibição cabe às mulheres, mais que aos homens.
- 45 Assim, temos, por um lado, os homens nascidos após a guerra, que ainda hesitam em assumir sua adesão a uma nova identidade nipo-brasileira, identidade que requer um investimento singular sobre a aparência e a valorização de uma estética própria, à qual já aderem, discretamente. E, por outro, os jovens do grupo, que já trazem a público, ao lado das mulheres, mais ou menos jovens, a marca desta adesão.
- 46 A construção de uma identidade que se apóia na origem nipônica, e a ultrapassa, aliada ao fato que lhe é dada a ocasião de se expor, são sinais fortes de um sucesso migratório. Assim, quando um dos cirurgiões entrevistados afirma que « a operação não nega a origem », ele está, sem dúvida alguma, defendendo seus/suas pacientes da acusação de renegação das raízes, com o objetivo de legitimar uma prática da qual ele próprio é um beneficiário incontestável. Mas ele exprime, também, um sentimento comum a todos, e que ele compartilha : o orgulho, publicamente reivindicado, de ser *nikkei*, que se opõe à discreção e ao apagamento praticado pelas gerações precedentes.

Notas

1 Os primeiros resultados deste trabalho foram apresentados no colóquio internacional « Histoire, Genre et Migrations. Mondes atlantiques XIX^e-XX^e Siècles », Paris, École Normale Supérieure e Université Paris I, 27-29 de Março de 2006. O texto apresentado está disponível *on line*, enquanto documento de trabalho (<http://barthes.ens.fr/clio/dos/genre/com/schpun.pdf>) ; um artigo foi escrito a seguir e está atualmente no prelo : « Les descendants d'immigrés japonais au Brésil et les chirurgies d'occidentalisation des yeux », *Actes de l'Histoire de l'Immigration*, vol. 7, março-abril 2008. Je remercie le Dr. Paulo Keiki Matsudo pour la cession des images publiées ici.

2 Oliveira Adriana Capuano de. « Repensando a identidade dentro da emigração de kassegui ». In : Reis, Rossana Rocha e Sales, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*, São Paulo, Boitempo, 1999, p. 196. A autora transcreveu as falas sem qualquer intervenção, o que poderia tornar difícil a compreensão para não brasileiros. Optei, aqui, por introduzir discretas modificações, que facilitam a leitura.

3 Cardoso, Fernando Henrique. « A Americanidade dos *Nikkei* ». Apud. Reis, Maria Edileuza Fontenele. *Brasileiros no Japão : o elo humano das relações bilaterais*, São Paulo, Kaleidus-Primus, 2002 (ed. trilingue Português, Inglês, Japonês), p. 92. O termo *nikkei* refere-se a todos os japoneses e seus descendentes vivendo fora do Japão, independentemente da geração.

4 Lesser, Jeffrey. *A Negociação da identidade nacional : imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, São Paulo, Unesp, 2001, p. 296 (trad. brasileira de *Negotiating national identity. Immigrants, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*, Duke University Press, 1999).

5 Termo cunhado por Oracy Nogueira. Ver : *Tanto preto quanto branco : estudo de relações raciais no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1985 e *Preconceito de marca : as relações raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp, 1998.

6 O primeiro navio transportando imigrantes japoneses para as lavouras de café brasileiras, Kasato-Maru, chegou no porto de Santos em 1908.

7 Segundo a American Society of Plastic Surgeons, 1,12 milhão de cirurgias plásticas foram realizadas no país em 2004 (www.plasticsurgery.org).

8 *Veja*, « Império do Bisturi », 17.01.2001.

9 *Isto é*, « Perto da perfeição », 15.09.2000.

10 *Veja*, « Império do Bisturi ».

11 Trata-se de dados provenientes da SBPC. Para os anos 1994 e 2000, cf. o artigo citado de *Isto é* ; os números atuais me foram transmitidos por um cirurgião.

12 Dweck, Ruth Helena. « A Beleza como variável econômica – reflexo nos mercados de trabalho e de bens de serviço », IPEA, Rio de Janeiro, 1999, pp. 8, 11 (<http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0618.pdf>) e Dweck, Ruth Helena ; Di Sabbato, Alberto ; Souza, Frederico Teófilo de. « O Impacto socioeconômico da beleza – 1995-2004 », pp. 13, 16 (<http://www.noticias.uff.br/noticias/2006/01/estudo-beleza.pdf>).

13 Dweck, Ruth Helena. op. cit., pp. 8-9 e Dweck, Ruth Helena ; Di Sabbato, Alberto ; Souza, Frederico Teófilo de. op. cit., p. 12.

14 *Veja*, « De olhos bem abertos », 07.08.2002.

15 Edmonds, Alexander. « No Universo da beleza : notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro ». In : Goldenberg, Mirian (org.). *Nu & vestido : dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro, Record, 2002, pp. 215-216.

16 Id. *ibid.*, p. 217.

17 Fry, Peter. « Estética e política ». In : Godenberg, Mirian (org.). op. cit., pp. 315-316.

18 Edmonds, Alexander. op. cit., p. 244.

19 Fry, Peter. op. cit., pp. 318-319.

20 Id. *ibid.*, pp. 320-321.

21 Sobre *Raça Brasil*, ver : « Gênero e raça em revista : debate com os editores da revista Raça Brasil » e Kofes, Suely. et al. « Comentários – Gênero e raça e a revista Raça Brasil », *Cadernos Pagu* n° 6-7, Unicamp, 1996, pp. 241-313 ; Fry, Peter. op. cit., pp. 303-326.

Para citar este artículo

Referencia electrónica

Mônica Raisa Schpun, « História de uma invenção identitária », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, 2007, Puesto en línea el 14 mars 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index3685.html>

Mônica Raisa Schpun

Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC), EHESS, Paris

Licencia

© Tous droits réservés

Abstract / Sumário

The objective of this article is to examine some contemporary forms of invention and construction of the Japanese-Brazilian identity. To do so I concentrate on the body practices called « occidentalization » which concern the Japanese-Brazilian and, in particular the « eye occidentalization » surgery. This is because, in the case of the *nikkei*, the form of the eyes is the physical element where the « mark racism » is the strongest. Even though the vast and complex literature on the racial issue in Brazil touches neither the ethnic question nor the immigrants, racism and discrimination, which focus on the phenotypes are in direct relation with the almost a hundred years of the presence of the Japanese and their descendants in the heart of Brazilian society, where the largest Japanese community, outside of Japan, lives.

Keywords : Japanese-Brazilian, immigration, ethnic identity, esthetic surgery, beauty

Este artigo tem por objetivo examinar algumas formas contemporâneas de invenção e construção da identidade nipo-brasileira. Me concentro para tal nas práticas corporais ditas de « ocidentalização » que concernem os nipo-brasileiros e, em particular, pela cirurgia de « ocidentalização dos olhos ». Isto porque, no caso dos nikkei, a forma dos olhos é o traço físico em que mais incide o « racismo de marca ». Apesar de que a vasta e complexa literatura sobre a questão racial brasileira não trata da questão étnica, nem dos imigrantes, o racismo e a discriminação que se focalizam no fenótipo têm relação direta com os quase cem anos de presença dos japoneses e seus descendentes no seio da sociedade brasileira, onde se encontra a maior comunidade nipônica fora do Japão.

Palavras chaves : nipo-brasileiros, imigração, identidade étnica, beleza

Licence portant sur le document : © Tous droits réservés